



SABER DE EXPERIÊNCIA FEITO

Miriane Saraiva Hokama – Café com Paulo Freire MOVA-São Carlos/SP¹

RESUMO: Para Paulo Freire aprender a ler as palavras é preciso, antes, fazer uma leitura de mundo. O estudo freiriano sobre educação libertadora nos desafia a fazer leituras diárias não somente das informações do mundo todo, mas do contexto dos educandos, como forma de acessá-los e valorizá-los, mas também para ressignificar a teoria e a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de mundo; Visão crítica; Contexto do educando

Ler Paulo Freire é um encantamento! A cada frase, a cada linha, a cada parágrafo, é um grande aprendizado que só poderia vir de alguém que vivenciou o ensino. Falar dele é uma ousadia, mas também uma forma de perpetuar e atualizar o que Paulo Freire nos deixou.

Para mim, que há mais de 13 anos convivo com os educandos todos os dias, inclusive aos fins de semana, pois cada um deles acaba se fazendo presente nas redes sociais onde também participo, a leitura de mundo é o início do relacionamento. Sim, relacionamento. Uma relação que só pode ser gentil e amorosa, de troca recíproca e respeitosa como ensinou Paulo Freire, ao sermos capazes de nos colocar no contexto dos educandos e educandas; presentes em momentos de descontração como em um café, numa roda de leitura ou num feedback individual. E uma coisa chama a outra. Um desabafo do educando ou da educanda desencadeia uma nova forma de relação professora-aluno em que não há interruptor liga-desliga. Bom que se diga que em toda relação deve haver uma dosagem, nem sempre bem clara para o educando, mas que vai se construindo dia a dia.

A leitura de mundo pode partir de uma micro visão, ou seja, da realidade de cada um desses educandos em suas casas, na convivência com seus familiares, *pets*, plantas, livro e, até mesmo, redes sociais (que são um mundo paralelo o qual não podemos negar). Como afirma Paulo Freire em seu livro *A importância do ato de ler* (1989, p.10), o contexto de mundo é a partir do fundo de seu quintal e da convivência com os animais.

¹ Miriane Saraiva Hokama é educadora do Movimento de Alfabetização de Pessoas Jovens e Adultas - MOVA-São Carlos, SP. E-mail: mirihokama@gmail.com



A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção eu experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 1981. p 9).

Muito relevante a introdução na forma de narrativa, nas percepções, na escolha das palavras, na correlação de uma coisa à outra e na ligação de uma frase à outra. Envolve não somente o olhar, mas as sensações como do vento e da chuva, dos cheiros, do ouvir os vários tipos de pássaros e do balanço das árvores que podem sugerir mudança de tempo. Freire nos convida a "ler" o mundo com todo o nosso sentir, nos deslocando no tempo e no espaço em que visualizamos a infância por ele vivida.

Ao escrever sobre o sentir, tentarei fazer uma incursão à forma de ler o mundo a partir de minhas experiências em sala de aula. Partindo da casa de cada um dos educandos, pressupõe tempo e escuta. Trata-se de uma costura do que o educando diz com a realidade que nos cerca. Por exemplo: "Em casa, minha mãe só manda limpar e cuidar dos meus irmãos. Já estou muito cansada. Não vejo a hora de sair de casa". Fazer a costura entre o que a educanda diz com a situação em que a mãe precisa sair de casa para dar conta das demandas de todos, como comida e internet, é a forma que temos para relacionar o mundo dela com o mundo numa visão macro. Por que as tarefas de casa são tão ruins? São mesmo, ou se convencionou dizer que são ruins para que cada um tenha a necessidade premente de sair de casa e se "virar"? Cuidar da casa é uma realidade que deveria ser de todos nós, porque cuidar é dar a atenção necessária para que tudo funcione.

Na visão capitalista e colonialista, cuidar de casa devia ser de uma empregada, uma diarista ou de uma "secretária", um eufemismo para a exploração da elite. Trazer para os encontros que a função de uma empregada ou diarista é uma forma de escravidão quando ela não tem reconhecimento em carteira profissional, com direitos previstos em lei, é uma forma de ler o mundo. O mundo se ampliando todos os dias na conexão, o tempo todo, com o mundo de cada educando. Trata-se de um re-



conhecer o mundo, um descortinar da realidade tão oculta nas redes sociais, nas conversas de corredor ou num almoço de domingo em casa. Nesse diálogo em sala, é comum aparecer exemplos de educandos que aproveitam para colocar a vivência de um familiar, mãe, tia ou avó.

Para outro educando, a leitura de mundo é bem capitalista, sem que o mesmo se dê conta disso: “Professora, para que vou trabalhar se posso tirar um salário mínimo numa semana ajudando no tráfico de drogas”. A fala acompanhada de um riso desconcertante dele e de outros nos leva a entender o “mundo” desse educando. Na falta de oportunidade ou na falta de referenciais humanos (pais, parentes, professores e amigos) para abrir os horizontes, o educando nos desafia. E como mostrar um outro mundo possível? O diálogo precisa acolher e permitir ao educando, inclusive, a pensar na possibilidade de trabalho no tráfico. Na explicação dialogada do educador, o “aviãozinho”, o aprendiz de traficante, escala a hierarquia do crime - hoje entendida como empresa, para entender que para chegar até lá precisa, inclusive, estudar, entender de matemática, economia e os meandros jurídicos.

Leitura de mundo requer aproximação do educador com o educando, sempre, a todo o momento, dosando respeito ao tempo do outro, gentileza e amorosidade para aquele que precisa e pode ter a oportunidade de se desenvolver com a ajuda do educador.

Do ponto de vista crítico e democrático como ficou mais ou menos claro nas análises anteriores, o alfabetizando, e não o analfabeto, se insere num processo criador, de que ele é também sujeito. Desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. (FREIRE, 1989. p 19).

Nessa leitura de mundo, cabe ressaltar o que Paulo Freire nos orienta sobre a leitura crítica de mundo, que tem a ver com o diálogo, com a reflexão que permite os saberes do educando e aqueles disponíveis no mundo físico e paralelo. Assim, amparamos arestas por meio do aporte de uma leitura prévia do educador na transversalidade dos conhecimentos para um contexto de mundo mais diverso, solidário, justo, igualitário e humano.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.